

03-04-2024

## Vamos fugir? Temos tempo para nos libertar?

Thiago Sebastiano de Melo

[Docente CET/UnB. Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

*Vamos fugir!*

*Deste lugar*

*Baby!*

*Vamos fugir*

*Tô cansado de esperar*

*Que você me carregue*

(Gilberto Gil)

Começar uma conversa-texto com essa música em meio ao aumento da violência genocida contra o povo palestino depois do Gilberto Gil ter reiterado, nesse contexto, seu apoio ao estado terrorista de Israel é confuso, quase amargo. Encarar a contradição do ser humano? Separar obra e artista? Cancelá-lo? Fugir? Num momento histórico em que “cada minuto exige uma decisão e promete uma forma rápida de satisfação” (Maria Rita Kehl<sup>1</sup>), ponderar, fugir do império do gozo, do encontro da mais-valia com o mais-gozar, parece assustador, impossível e, mesmo, abominável. Compressão do espaço-tempo, como diria o geógrafo David Harvey. Há dubiedade na “fuga” numa sociedade espetacularizada de estereótipos reiterados na permanência no lugar-comum, que nada tem de comum, de comunitário. Aprisiona-se a existência, a potência de existir em plenitude, de lidar e celebrar a diversidade existencial. Mas, obviamente, aprisiona-se, e se mata, primeiramente, algumas existências. Daí porque me parece mais coerente pensar em termos de autolibertação de seres humanos escravizados do que no termo de fuga, como igualmente se usa, para quem privado de liberdade, mesmo que não julgado e condenado, sai da prisão. E sempre se pressupõe o contrário, ainda que no Brasil a chance seja grande de não ser verdade. No diálogo com a epígrafe, sigamos com “fuga” no sentido de autolibertação. O que fazemos presos num estado de coisas no qual as contradições se agudizam em velocidade alarmante frente à capacidade de respostas coletivas cada vez mais ameaçadas? Por quem esperamos? Para onde queremos ser carregados? Se não podemos contar com a coerência e posição solidária firme, mesmo daqueles que assumiram e assumem tarefas importantes para o conjunto da classe trabalhadora, não está na hora de fugirmos, de deixarmos de esperar por alguém que nos carregue? Aturdidos pela ameaça do “*seja feliz; goze; consuma; ou padeça*” a maioria já não sabe nem para onde ir quando não está bem, nem quando está, e por isso mesmo o laço social se vê comprometido.

Diante da precarização do trabalho e da degradação ambiental, as condições objetivas são articuladas com a torção do parafuso do individualismo, das saídas pessoais, como componentes centrais das dinâmicas de subjetivação. Diante de uma mídia corporativa, que vive de desinformação, e de uma mídia alternativa, às voltas em contornar as contradições do que podemos chamar nesse atual momento de arco progressista, as pessoas se apressam para não se sentirem (mais ainda) sem chão. Ao invés de fugirem para um lugar saudável, compram os pacotes de anestesiamento por consumos eufóricos irrefletidos. Da festa que acontecia em terras palestinas ocupadas no dia 7 de outubro passado, aos diversos eventos artísticos autuados por utilizarem mão de obra escravizada, passando pelos sintomáticos episódios carnavalescos dos blocos/abadás separados por cordas do restante da multidão, e chegando nos cruzeiros em alto mar, os eventos, as vivências turísticas no geral, vão servindo de lócus de aprofundamento, normalização e atualização dessa sociabilidade adoecida e adoecedora. Temos tempo de tecer outros caminhos? O tempo do significar freireano. O tempo que escapa à lógica da reprodução ampliada do capital e se constitui enquanto agência de comunhão. Para Kehl, “São escassas as ocasiões que nos permitem outras formas de vivenciar os ritmos do corpo e os estados da mente que não os das sensações fugazes, das percepções e decisões instantâneas. Em tais condições, sofre-se do “tempo de compreender”, a partir do qual o sujeito do desejo pode emergir como sujeito de um saber sobre si mesmo”<sup>2</sup>. O saber sobre si compreendido no que efetivamente é: tecitura particular da totalidade. Um tempo-fuga que passa pela realização da circulação da palavra e entendimento das marcas inconscientes das temporalidades pré-modernas. Como jocosamente disse João Quartim de Moraes, “alguma coisa disso permanece”<sup>3</sup>. O radar social indica que as melhores alternativas estão sendo construídas tal qual a composição de *Gimme your love* [Dê-me seu amor], depois traduzida/adaptada para *Vamos Fugir*, ou seja, a muitas mãos. Foi numa viagem à Jamaica, para gravar com a banda que tocava com Bob Marley, que nasceu a música, com participação inclusive de Jimmy Cliff. Inspirada na melodia de *Is this love?*, cujo refrão interroga “isso é amor?”, *vamos fugir* enseja vislumbrar uma fuga para o amor, para o coletivo, para o comunitário. Fugir desse aprisionamento às respostas individuais não é a condição para construir transformações coletivas? Fugir dos apoios ao genocídio não é caminho para defesa de um universalismo concreto dos direitos humanos? E aí, vamos fugir? ■■■

Referências: 1. Kehl MR. *O tempo e o Cão: a atualidade das depressões*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015, p.122. // 2. Idem, p. 123. // 3. Sader E. *Nós que amávamos tanto o capital: leituras de Marx no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.49.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*